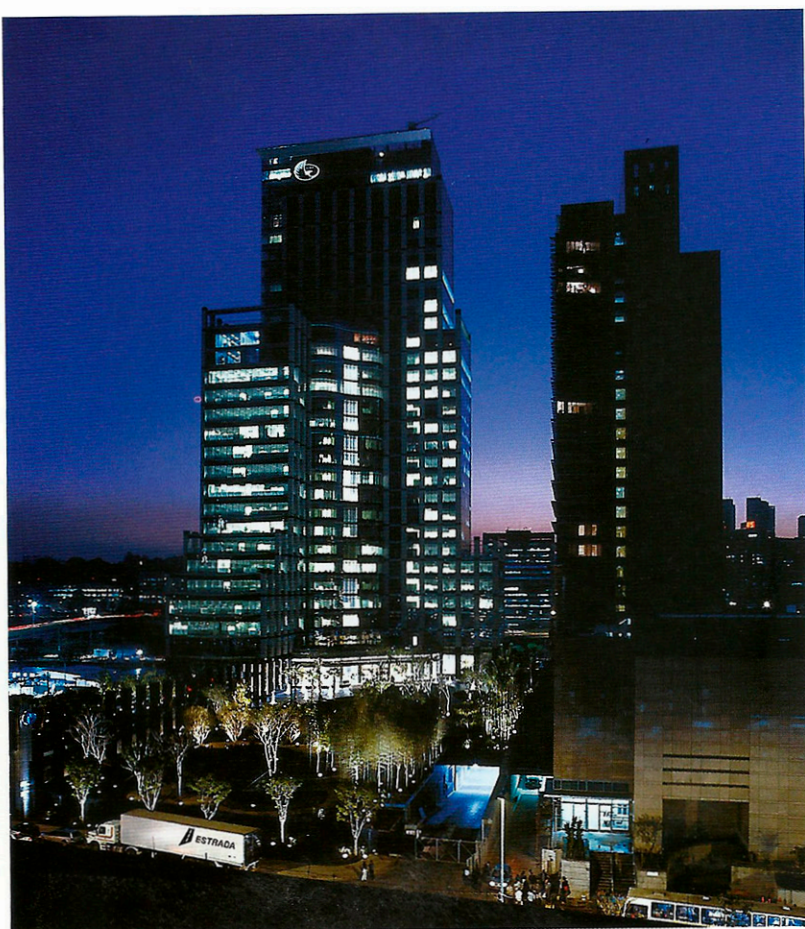


High-tech é tropicalizado com curvas no desenho e paisagismo à brasileira

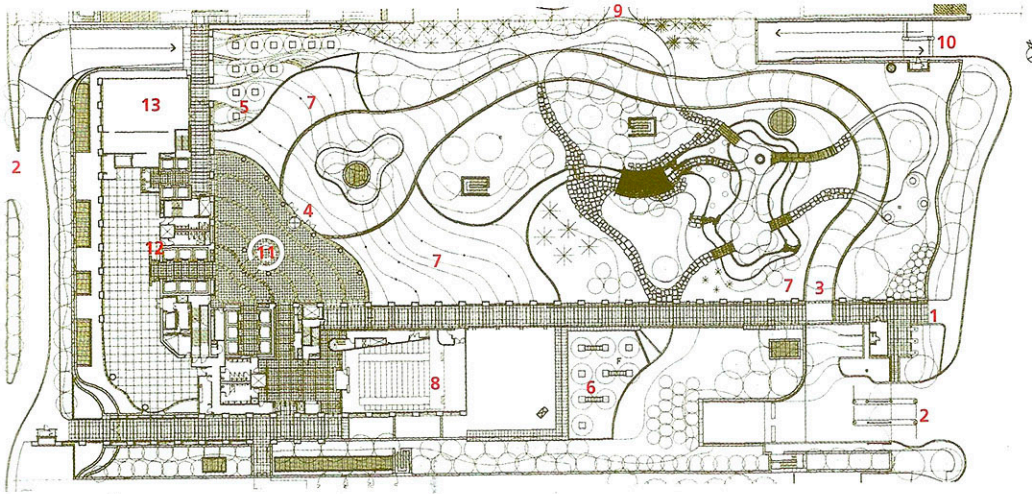
Edifício recebeu diversas inovações tecnológicas

O projeto para a nova sede do **BankBoston**, na marginal do rio Pinheiros, em São Paulo, foi desenvolvido pelo escritório norte-americano **Skidmore, Owings & Merrill (SOM)**, de Chicago, e adaptado pelo Escritório Técnico Júlio Neves. O edifício ostenta como diferenciais as linhas curvas que suavizam a ortogonalidade da fachada, inovações tecnológicas e belo paisagismo, praticamente uma praça para a cidade.



A nova sede em São Paulo do BankBoston - banco norte-americano que atua no Brasil há 55 anos - é, talvez, uma das obras de arquitetura e, principalmente, de engenharia construtiva mais complexas, caras (150 milhões de dólares) e inovadoras erguidas em solo brasileiro até agora. O projeto, que começou a ser desenvolvido em 1999, envolveu consultores norte-americanos e brasileiros para praticamente tudo - de estrutura, fachadas e elevadores à fonte que equipa a praça frontal do conjunto, o único setor a ser concebido exclusivamente por uma profissional brasileira, a arquiteta e paisagista Isabel Duprat.

Situado em terreno de 16 mil metros quadrados, o prédio reafirma a boa arquitetura praticada pela equipe do escritório SOM de Chicago. O arquiteto responsável pelo projeto - Adrian Smith - é autor, entre outros, do edifício Jin Mao, em Shanghai, China (*PROJETO DESIGN 243, maio de 2000*). A torre do BankBoston, em concreto moldado in loco com vigas protendidas que permitem vencer vãos de 21 metros e propiciam áreas internas livres, tem 28 andares e atende às demandas do cliente por um prédio de estilo internacional e de forte impacto visual, derivado principalmente da concepção ◊



IMPLANTAÇÃO

IMPLANTAÇÃO

- 1. Acesso de pedestres
- 2. Acesso de veículos
- 3. Passeio de veículos
- 4. Acesso ao edifício
- 5. Praça do café
- 6. Praça do auditório
- 7. Espelho d'água
- 8. Auditório
- 9. Acesso ao hotel
- 10. Docas
- 11. Recepção
- 12. Hall dos elevadores
- 13. Café

1

Vista noturna

2

O conjunto, com implantação em L, cria grande praça acessível à população

2





1



2

1 e 2
A grande marquise de acesso para pedestres, na praça frontal ao prédio

3
Marquise no acesso principal, sobre o espelho d'água

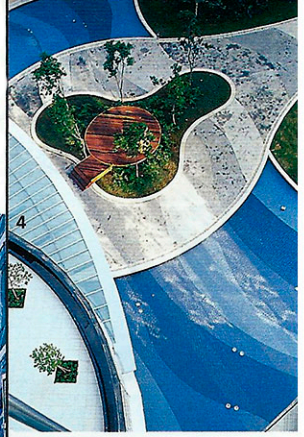
4
Em meio a uma "ilha" no espelho d'água, um pequeno palco exibirá shows musicais

5
A recepção, com piso em granito e revestimento em madeira nas paredes do hall dos elevadores, onde estão expostas obras de consagrados pintores modernistas brasileiros, como Portinari

escalonada da fachada, em vidro e granito. Nela, destacam-se as curvas que quebram a implantação em L e remetem, de acordo com os autores, às características da arquitetura brasileira (*leia o quadro*). A fachada tem estrutura modulada em 4,5 metros, equivalentes a duas estações de trabalho; a disposição das salas de reuniões nas áreas centrais, curvas, permite desfrutar belas vistas do entorno.

A qualidade arquitetônica e construtiva revela-se em detalhes pouco presentes nos edifícios brasileiros - do sistema de esquadrias de alumínio, com vidros insulados que reduzem em 45% a emissão de calor e permitem ótima acústica, ao ar-condicionado central e ao inovador sistema de controle dos elevadores. As esquadrias receberam revestimento de aço inoxidável, ganhando sofisticação.

O conjunto também impressiona pela integração do paisagismo ao prédio e ao entorno, criando áreas de lazer e descanso muito interessantes (*leia o quadro*). O acesso principal é feito pela avenida Chucuri Zaidan, paralela à marginal do Pinheiros, com entradas para visitantes, funcionários e carga, além ◊





de estacionamento para 1 200 veículos, em três subsolos. A proposta arquitetônico-urbanística localizou as áreas públicas (jardim, café, auditório e agência bancária) no térreo, criando ambientes extremamente agradáveis e integrados à área do vizinho hotel Hyatt (praticamente não há separação entre os dois terrenos). O Espaço Cultural BankBoston, situado na ala direita do conjunto, compreende auditório para 270 pessoas, jardim de exposição de esculturas, ao ar livre, e hall para mostras de artes plásticas. No primeiro andar, um restaurante, com capacidade para 500 pessoas, atenderá os funcionários do banco e das empresas dos cinco últimos pavimentos, que serão locados. No 25º andar há um restaurante vip e, na cobertura, um heliponto. No 18º ficam o presidente e os vice-presidentes do banco.

A magnitude da praça frontal criada pelo prédio surpreende e gera encantamento, pela forte gentileza urbana que propicia. Sua monumentalidade é quebrada pelos diversos ambientes que a conformam, ao mesmo tempo em que a passarela de acesso orienta o visitante e imprime ritmo e rigor à composição arquitetônica.

O hall, com átrio de grande dimensão, também indica os conceitos adotados nos interiores do prédio, numa mescla de materiais nobres com outros mais simples e eficientes, de acordo com a arquiteta Paola Roselini, responsável pela adaptação do projeto desenvolvido pelo SOM aos padrões brasileiros. O revestimento do piso do hall dos elevadores é em quartzito azul, uma pedra brasileira semipreciosa. O projeto criou, na área da recepção, ◊

Adrian Smith: "projeto estabelece novo padrão de edifícios comerciais no Brasil"

Como foi o desenvolvimento do projeto do edifício-sede do BankBoston em São Paulo?

Ele começou com a completa compreensão das necessidades do cliente. Após a apresentação inicial do programa, o banco fez para nós uma espécie de introdução à cultura, à história e à tradição brasileiras. Realizamos, junto com diretores do BankBoston, visitas a lugares e edifícios-chaves para a compreensão da rica arquitetura e cultura do país. Isso foi importante para dar tom local ao desenho contemporâneo do edifício. As informações programáticas e culturais foram sintetizadas, utilizando nossa aproximação com o desenho esquemático, com

o desenvolvimento do projeto e a seleção de materiais. Isso requereu profundo entendimento das necessidades do cliente, transformadas em arquitetura. O BankBoston está há 55 anos no Brasil e desejava uma imagem forte e estável, que fornecesse identificação rápida e afinada com uma das empresas líderes no país na área financeira. O objetivo também era criar uma imagem na qual a natureza e a cultura brasileiras estivessem representadas de forma digna e forte. O edifício contém esses pressupostos em suas formas curvas e no jardim, derivado dos trabalhos do renomado arquiteto e paisagista brasileiro Burle Marx.



1
O café, no térreo, tem como destaques o sistema de iluminação e o piso

2
Área externa do café

3
Obras de artistas modernistas brasileiros ficam expostas em alguns pavimentos, configurando um espaço cultural

4
O auditório, com capacidade para 270 pessoas, terá programação voltada também para o público externo



Em termos globais, como o senhor define esse projeto?

O edifício do BankBoston é um forte representante do estilo contemporâneo e do alto padrão internacional de prédios para escritórios. É semelhante a outros dessa classe, sofisticada, existentes em várias partes do mundo. Ele deve representar um novo padrão para esses edifícios no Brasil.

Como o senhor analisa a arquitetura brasileira, em especial onde o edifício do BankBoston está localizado?

Como em outras cidades do mundo, constru-

ções e desenho arquitetônico são influenciados por diversos fatores. Em São Paulo, o zoneamento restringe as dimensões dos edifícios ao máximo de área por piso. Devido a essas características, a arquitetura paulistana adquire densidade e caráter singular. A região onde o edifício está localizado representa nova região em desenvolvimento para uma larga parcela de edifícios de escritórios, similares a outros existentes em diversas partes do mundo. Esses prédios são altos e respondem de forma eficiente às exigências internacionais para edifícios comerciais, de alto padrão. A localização à margem do rio Pinheiros permite belas vistas a seus ocupantes.



Brazil builds

O que pode ter de brasileiro a sede regional de uma instituição financeira de origem norte-americana, como o BankBoston? Aparentemente, nada. Um edifício com essa finalidade só pode ter aspecto internacional style. Pelo menos foi essa lógica que reinou em Buenos Aires, onde a sede local desse banco foi projetada por Cesar Pelli, argentino que fez carreira nos Estados Unidos. Em São Paulo, a nova sede regional da instituição foi desenhada por Skidmore, Owings & Merrill (SOM), um dos maiores representantes do establishment arquitetônico norte-americano.

Não é a primeira vez que o SOM constrói em território brasileiro. Na década de 1960, o edifício do Unibanco, no centro de São Paulo, foi desenhado por Gordon Bunshaft (1909-1990), autor da Lever House (1952), em Nova York. E há também os paulistanos Birmann dos anos 1990 (o 29 é o mais conhecido deles), de autoria de Mustafa Abadan.

Há 15 anos, foi construída a sede do Citicorp na avenida Paulista, projetada pelo ítalo-brasileiro Gian Carlo Gasperini. O porte (40 mil metros quadrados do Boston contra 47 mil do Citi) e o impacto no entorno - Paulista e Berrini - são semelhantes. O que diferencia os dois trabalhos é a implantação. Também com duas frentes, o generoso terreno da Berrini permitiu dupla abordagem. A implantação, lindeira à marginal do Pinheiros, dá aspecto urbano ao prédio. Distante da avenida, permite a leitura na escala do pedestre, no percurso junto ao jardim. A torre apresenta o tradicional embate grelha/não-grelha, padrão em projetos internacionais. Os dois volumes prismáticos, escalonados, no projeto do SOM são marcados pela dupla grelha nas faces maiores e vão livre nas faces menores, cujas vigas desenharam a flexão. No encontro desses dois volumes - no vértice agudo e no obtuso para formar um L em planta -, a curva livre arremata a composição.

Curiosamente, o destaque do Citicorp (o embate entre a grelha e as curvas) também é o ponto alto do Boston. Contextualista, Adrian Smith criou um projeto internacional com pitadas tropicais, lembrando a arquitetura brasileira, que começou a ganhar fama graças ao empurrão dos norte-americanos do Moma (com a exposição *Brazil builds*, de 1943) e da Feira Internacional de Nova York, de 1939. Os jardins, com plantas tropicais, parecem de Burlie Marx. As curvas lembram Niemeyer. Já as telas que ornamentam a recepção são, de fato, de Portinari. Uma espécie de antropofagia ao contrário. **(Por Fernando Serapião)**

1
Restaurante para funcionários, no primeiro piso

2
Devido à ausência de pilares, os pavimentos têm área interna livre, permitindo flexibilidade de layout

3
As salas de reuniões localizam-se no perímetro dos andares

uma espécie de galeria de arte moderna brasileira, com quadros do pintor Cândido Portinari.

Os elevadores, por sua vez, compõem um capítulo especial na tecnologia de ponta empregada: são 19, dos quais 12 atendem ao público geral, quatro ligam o estacionamento ao térreo e dois são de carga. Eles usam o sistema Miconic, com controle totalmente automatizado, que indica ao usuário qual máquina estará disponível para aquele piso, e são extremamente velozes, para dar conta da circulação dos cerca de 3 mil usuários.

O sistema de ar condicionado central, também de última geração, pode utilizar 100% do ar externo, quando o clima estiver frio e a temperatura for inferior aos 22 graus centígrados definidos como padrão para o prédio. "O sistema, assim, permite economia de energia e fornece ar limpo, pois passa por três filtros, retirando até os odores externos", explica o engenheiro Juraci Matos, diretor de Facilities do BankBoston e responsável pela coordenação geral da obra. No pavimento-tipo, foi adotado o conceito de escritório aberto. (Por Silvério Rocha) ↻



1 e 2
Restaurante vip, no 25º andar

3
O paisagismo definiu jardim com 12 mil metros quadrados, espelho d'água e passeios...

4
... e utilizou 280 árvores de grande porte, brasileiras e exóticas

Uma praça para a cidade

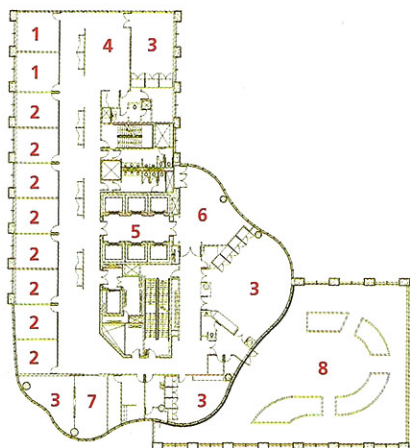
O generoso jardim frontal, de 12 mil metros quadrados e clara inspiração "burle Marxiana", é uma das referências à arquitetura brasileira na sede do BankBoston. O cliente queria um jardim brasileiro, explica a autora do projeto de paisagismo, Isabel Duprat. Ela foi escolhida depois de expor, em janeiro de 2000, sua proposta inicial aos diretores do banco, em Chicago. "Eles aprovaram o estudo preliminar na reunião", diz Isabel.

A proposta resolve a questão da entrada de veículos com uma espécie de passarela sinuosa, que sai do acesso frontal e termina na recepção do prédio. Ao mesmo tempo, essa passarela é um dos elementos mais fortes do desenho paisagístico, que estabeleceu duas praças de formatos distintos: uma em frente ao café, mais livre, e outra frontal ao auditório, caracterizada pela ortogonalidade. A autora procurou afinar



o ritmo do projeto com o da marquise que atravessa o lote. Assim, o passeio de autos, com piso em mosaico português, é quase uma ilha, em meio ao grande espelho d'água que percorre as duas partes do desenho. Uma pérgola no centro do terreno demarca também outro passeio para pedestres, com piso em mosaico na cor ocre; na parte mais frontal do jardim fica a pequena "praça das jabuticabeiras".

Foram utilizadas no total 280 árvores, parte delas exóticas e árvores nativas nobres, como o jequitibá (de 30 metros e 20 anos) e o pau-brasil plantado na entrada do conjunto, além de ipês, sapucaias e seringueiras, entre outras. Na divisa com o Hyatt, palmeiras diminuem a empena do hotel e estabelecem um caráter altivo para o jardim. O espelho d'água terá, em sua parte mais ao fundo, água recolhida do lençol freático - tratada por pequena estação mantida pelo banco - e muitos peixes.



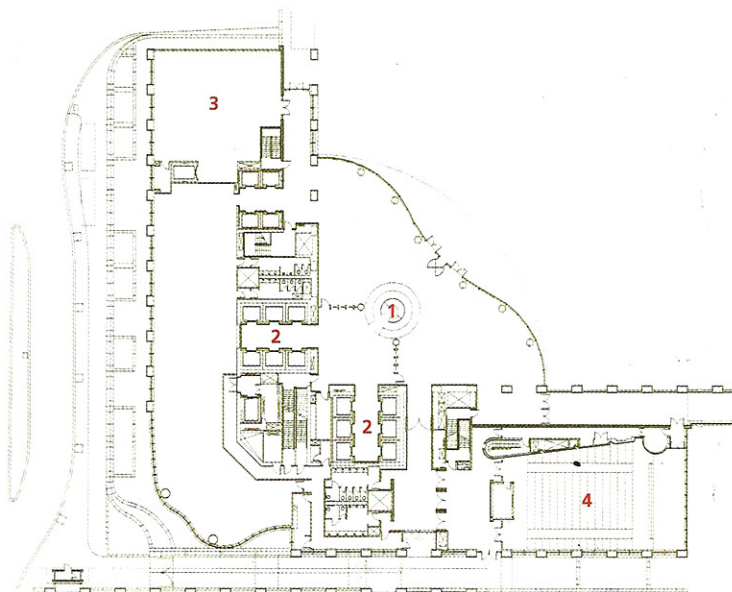
18º PAVIMENTO



25º PAVIMENTO



1º PAVIMENTO



TÉRREO

25º PAVIMENTO

1. Hall dos elevadores
2. Sala de reuniões
3. WC

18º PAVIMENTO

1. Presidência
2. Vice-presidência
3. Sala de reunião
4. Espera
5. Hall
6. Recepção
7. Sala vip
8. Terraço

1º PAVIMENTO

1. Hall dos elevadores
2. Restaurante
3. Cozinha
4. Serviços

TÉRREO

1. Recepção
2. Hall dos elevadores
3. Café
4. Auditório

O escritório **SKIDMORE, OWINGS & MERRILL (SOM)** foi fundado em 1936 e já completou mais de 10 mil projetos de arquitetura, interiores, design, urbanismo e planejamento em mais de 50 países. Entre seus trabalhos estão a torre Sears em Chicago, EUA; a torre Jin Mao, em Shanghai, China; o edifício Birmann 21, em São Paulo. Adrian Smith, formado pela Universidade de Illinois, Chicago, em 1969, atua no SOM desde 1967; foi o executivo-chefe do escritório de Chicago (1993-95) e da Fundação SOM (1989-95)

FICHA TÉCNICA

BANKBOSTON

Local São Paulo, SP

Data do projeto 1999

Data da conclusão da obra 2002

Área de terreno 16 000 m²

Área construída 40 000 m²

Arquitetura SOM - Adrian Smith (autor), George Efstathiou (coordenador geral), William Baker e Charles Besjak (estrutura), Nancy Carreón (associada técnica), Chris Harvey (arquiteto sênior associado), Jaime Vélez (design de interiores) e Marinha Mascheroni (coordenadora SOM/Brasil); Escritório Técnico Júlio Neves

Interiores SOM e Paola Rosellini Design de Interiores

Luminotécnica Schuler & Stook e Esther Stiller

Estrutura SOM e Ruy Bentes

Instalações Flack & Kurtz e Soeng

Paisagismo Isabel Duprat

Sinalização Batagliesi Arquitetos+Designers

Ar condicionado Flack & Kurtz e Engetherm

Fundações Consultrix

Sistema viário Michel Sola

Cozinha Food & Wine Research e Interarq

Elevadores Service Consultoria e Van Deusen

Heliponto GPC

Audiovisual e acústica Alexandre Sresnewsky

Impermeabilização Proassp

Dry wall Lowden & Associates do Brasil e Onodera

Combate a incêndio OFOS

Gerenciamento e projetos Planilha, Concremat,

Monteiro Linardi e L&M

Construção Hochtief do Brasil e AMN Engenharia

Fotos Sofia Mattos

FORNECEDORES

Aceco (arquivos); Alcoa (alumínio); Algrad, Metalúrgica Rota, Marcenaria Dabol (esquadrias); Ansett (automação predial); Air Conditioning (ar-condicionado); Argamont (rejunte para pastilhas); Atlas Schindler (elevadores); Carneiro, Evolutec (portas); Cineplast (cortinas do auditório); Deca, American Standard (louças e metais sanitários); Denver (impermeabilização); Dorma (porta giratória); Effectus (piso de concreto); Engefood (forno); Esquadriall (pilares metálicos); Guardian, Pilkington (vidros); Herman Miller (mobiliário); Honeywell (automação); Hunter Douglas (forro); Gerdau (aço); Interface (carpete); Jatobá (revestimentos); Knauf (dry wall); La Fonte (fechaduras); Lumini, Itaim, La Lampe, Mefilumina (iluminação); Metalcorp (portas corta-fogo); Moredo, Granitos Brasileiros (granito); Pierre Saby (escadas metálicas); Steelcase (estações de trabalho e poltronas); Tate (piso elevado); Tecnic (espelho d'água); Uniflex (persianas); Vidrotli (pastilhas)